

EM DEFESA DA BHTRANS

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

O povo é imediatista. Quer soluções rápidas para seus problemas, que não poucos. Vive em permanente ansiedade, com falta das condições primárias que permitem uma vida organizada e feliz.

Nas cidades grandes, estes problemas se multiplicam, agravados pela falta de dinheiro público e administração capaz. Por isto, a crítica aos órgãos públicos são constantes e veementes. E não faltam razões para isto.

A BHtrans é alvo permanente destas críticas. Muitas vezes o clamor aumenta e tem-se a impressão de que o órgão é responsável por todos os erros no trânsito. É preciso, entretanto, ter cuidado na avaliação. Erros existem em qualquer governo e se tornam mais visíveis em certos órgãos que lidam com o cotidiano do povo, tais como a BHtrans, Cemig, Copasa e a polícia. Mas não significa que tudo neles esteja errado.

A BHtrans tem objetivos limitados. Visa gerenciar o trânsito e o transporte público. Sabe-se que o sistema viário de uma cidade como BH, tradicionalmente mal estruturado, não teve um planejamento inicial, pois, como a maioria das cidades brasileiras, não nasceu do papel através de planos urbanísticos, mas desenvolveu-se historicamente conforme as exigências de cada momento. O que se fez e ainda se faz são adaptações cada vez mais complexas para garantir os requisitos mínimos da vida comunitária de uma cidade grande. E assim vamos vivendo com os problemas.

A BHtrans tem recursos limitados. Não dispõe de meios para fazer grandes obras, que ficam na dependência do Poder Público municipal. Exigem dinheiro que quase não existe nos cofres públicos. Por isto tem que trabalhar no varejo, acudindo dificuldades mais urgentes e deixando para depois as soluções definitivas.

Não se há de exigir dela o milagre que não pode realizar. Porém, nos limites de seu poder, é preciso reconhecer que faz o que pode. Atua, planeja e executa até onde é possível. Tenta enfrentar os casos mais agudos, através de seus técnicos, engenheiros e servidores. Sem sua colaboração, o trânsito da cidade já teria parado.

Tem também, como não podia deixar de ser, os seus defeitos. O principal deles é a burocracia e a incapacidade de responder rapidamente a problemas que pode solucionar. Cite-se, apenas como exemplo, o trânsito na Rua Conceição do Mato Dentro, no Bairro Ouro

Preto. O motorista que vira à esquerda ou à direita paralisa todo o fluxo de veículos, pois tem que contar com a boa vontade dos que vêm na faixa contrária, para atravessar a rua. O motorista, pela lógica das coisas, tem que fazer o retorno em vias mais amplas e depois voltar na direção desejada. Não pode optar pelo imediatismo de colocar seu interesse acima do interesse do trânsito de todos. A prova é simples, mas não é tomada logo. Enquanto isto, trânsito sofre e o mal continua.

Há freqüentes filas duplas pela cidade. Veículos estacionados em lugares proibidos prejudicam o trânsito. O cidadão deveria ter um celular para se comunicar com guardas que fazem o policiamento no centro da cidade, para denunciar o motorista infrator, já que a autoridade pública não pode dar conta de tudo sozinha.

Acusa-se a BHtrans de multar muito e que multas não resolvem o problema de trânsito. Mas pergunto: deixar de multar acaso resolve? A atividade sancionatória é que ainda permite que o trânsito tenha alguma fluidez. Se abirmos mão da punição, será impossível trafegar na cidade.

Alega-se que uma sociedade anônima (esta é a forma jurídica da BHtrans) não pode multar. A aplicação de sanção não é privilégio do Estado. Exemplos não faltam desta atividade feita por particulares. O que se tem de conferir é se a lei autoriza, ou seja, se o aplicador da multa tem legitimidade para tanto. Se há a lei, a atividade é lícita, pois a multa aplicada por uma instituição particular legitimada pela lei em nada fere a Constituição.

Vê o leitor que o problema tem vários ângulos. E, para sermos justos, devemos olhá-lo por todos eles. Não é a BHtrans isenta de críticas. Mas também possui muitas virtudes. É preciso reconhecê-las também.

(Publicado no Jornal Hoje em Dia em 25/08/09)